



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação, Diversidade e Diferença

Sinop, v. 11, n. 1 (28. ed.), p. 7-11, jan./jul. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

APRESENTAÇÃO

EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E DIFERENÇA: desafios contemporâneos

Ana Cristina Juvenal da Cruz

A **Revista Eventos Pedagógicos** publica nesta edição um número cuja temática 'Educação, diversidade e diferença' traz um importante debate no campo da educação. As questões que surgem da articulação entre diversidade e diferença adquirem substancial desafio no campo da educação. Em parte, esses temas estão em pauta por advir de um debate que busca responder aos desafios no interior das nações. Há uma via mais consistente de que este debate é resultado da disputa de visualizações em torno de concepções outrora asseguradas da nação e da identidade nacional. Os elementos da nacionalidade e suas identificações, que foram a base de sustentação dos Estados-nacionais do século 18 e 19, são confrontados aos desafios que se anunciam neste início de século. Parte das análises teóricas atestam que esses desafios derivam do colapso das promessas aventadas pelos modelos dos estados modernos nacionais. Tais mudanças se iniciaram com concepções que projetaram determinadas garantias de que as fronteiras passariam a ser fluídas e as trocas socioeconômicas e culturais mais efetivas.

No século 21 nos vemos diante das consequências do colapso da construção desse modelo de vida. As formas contemporâneas de autoritarismo, ultranacionalismo e da recusa das diferenças ascendem, em paralelo sob a lógica da financeirização, da influência dos mercados, da privatização da vida, dos limites do individualismo, na medida do neoliberalismo. As disputas que são visualizadas no campo social tendem a recrudescer na medida em que se observa que é pelo conflito que opera a gestão das dinâmicas sociais. Dito de outra forma, essas

combinações compõem espaços sociais nos quais os conflitos de diversas naturezas serão não apenas seu resultado, mas o modo de gestão da vida social.

É nesse contexto que a educação adquire outra densidade. Visualizamos em diferentes lugares do mundo uma desqualificação das atividades vinculadas à educação. Perseguição a determinados pensadores e pensadoras, censura a livros, depreciação de temas e objetos de pesquisa, desprezo pela atividade docente e ações mais estruturais de esvaziamento da política pública para a educação. Nesse sentido, o desafio contemporâneo do debate e da pesquisa em educação deve constituir-se em uma agenda de pesquisa articulada que além de fornecer dados, fortaleça perspectivas teóricas comprometidas com os desafios contemporâneos e impulsione ações em várias modalidades de modo a proteger e defender profissionais da educação, assim como reafirmar continuamente o papel e a importância de profissionais da educação e de professores e professoras na construção de sociedades integralmente justas e igualitárias.

Estas propostas devem compor uma agenda de pesquisa e ação mundial que ofereça alternativas e caminhos em relação aos desafios colocados pelas problemáticas contemporâneas, como os fluxos migratórios e as consequentes composições sociais cada vez mais diversas cultural, étnica, religiosa e racialmente.

Articulações em torno de um “pensamento transfronteiriço”, da “colonialidade global”¹ ou “pensamento de fronteira”² implicam neste momento a incorporação das questões sobre as imigrações, a convivência nos territórios, das pessoas em condição de refugiadas, entre outros temas que se assentam sobre a equação entre o local e o global. Sob tal perspectiva, um ponto chave de investigação deve tratar do modo como as nações são formações sociais “racialmente estruturadas”³. Analisar a questão racial na contemporaneidade remete à necessidade de conjugar temporalidades e acontecimentos em articulação. Assim, articular requer vincular a modernidade ao colonialismo e seus crimes contra a humanidade, tendo a experiência do tráfico de escravizados africanos negros sua face mais nefasta. Isso deve ser feito revendo o movimento em torno do modo como as relações sociais

¹ MIGNOLO, W. D. **La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción deocolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

² ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987.

³ HALL, S. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

foram ressignificadas no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial no qual emerge o advento pós-colonial e a configuração inserida pelos debates em torno do multiculturalismo e da diferença. Uma miríade de correntes teóricas aliou uma combinação de fatores e abordagens que apresentaram novas problemáticas ao pensamento social a partir desses acontecimentos. De forma geral, tais estudos colocaram no centro da discussão questões relativas à sexualidade, ao gênero, os estudos críticos de raça, do multiculturalismo, da diversidade, do reconhecimento, temas que de forma progressiva adquiriram espaço no cenário internacional.

Paulatinamente, frente ao colapso do sistema de bem-estar social e a ascensão neoliberal, esse cenário foi sendo paulatinamente questionado por diversas correntes teóricas surgidas neste contexto. Os estudos pós-coloniais, estudos decoloniais, estudos culturais, estudos feministas, estudos subalternos entre outras correntes apresentam semelhanças em suas questões. Mais do que questionamentos semelhantes essas linhas apresentaram, ainda que com suas distinções internas, alguns consensos e pontos de integração em suas análises. No campo da pesquisa em educação, as indicações se convertem na imprescindibilidade de análises holísticas e multifacetadas. As bases fundamentais e históricas sob as quais se erigiu a concepção de humanidade e de direitos para todos os povos, apresentou limites, mas têm sido clamadas no interior das condições de vida e desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. Desse modo, investigações aprofundadas de caráter transnacional que permitam o conhecimento de realidades distintas são fundamentais para ampliar as propostas que se tornam necessárias.

Michel-Rolph Trouillot⁴ estabeleceu uma discussão sobre o poder dos silenciamentos históricos e daquilo que é dado a falar. Para Trouillot, o movimento de visibilidade ocorre em diferentes níveis denominado de “silenciar o passado”. Trata-se da definição daquilo que será visto e não silenciado. É com essa orientação que nossas pesquisas devem ser politicamente orientadas à urgência do tempo presente. Devem questionar qual projeto de vida nos está sendo imposto pela via dessas políticas atuais e como elas são determinadas à educação. Essas políticas adquirem espaço junto a regimes autoritários e respondem a proposições anti-

⁴ TROUILLOT, M-P. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Curitiba: Huya, 2016.

intelectuais, avessas ao saber e ao conhecimento. Há que se saber que essa estratégia anti-intelectual ecoa de outros tempos, responde a outros acontecimentos históricos, nos impele à ação na compreensão da herança de desses outros tempos que agora ressoam em nós⁵.

Dessa forma, o tema que a **Revista Eventos Pedagógicos** apresenta traz contribuições ao debate sobre a compreensão das dinâmicas contemporâneas e sobre a educação em diferentes países que ocupam lugares distintos na lógica contemporânea das relações globais. Não seria possível considerar que este tema em meio à experiência da pandemia da COVID-19 que assola o mundo e apresenta para a educação outros desafios. O contexto contemporâneo de enfrentamento da pandemia da COVID-19 impôs para toda a humanidade desafios inéditos. Embora se identifique tentativas de interpretação diversas, especialmente sobre o pós-pandemia há que se considerar que tais análises têm indicado que as mudanças em curso mudarão nossas formas de se relacionar, nossas formas de trabalho, de desejo e de linguagem e a educação terá função primordial nesse novo contexto ainda incerto. Mesmo antes nunca vivenciada como tal, a pandemia demonstra o racismo estrutural que molda as sociedades notadamente as ocidentais. Como exemplo, no Brasil⁶ e nos Estados Unidos o risco de letalidade pela COVID-19 é maior entre os negros e pobres, há questões e que emergem das nossas desigualdades sociais estruturais com aquelas/es que não têm acesso à saúde, as crianças e jovens que não tem tido acesso à escolarização. Tem-se observado que as propostas de ensino para essas populações, neste contexto, são radicalmente distantes da realidade em que vivem. As garantias de formação intelectual mínima no âmbito da escolarização se mostra ainda incipientes, especialmente frente aos desafios contemporâneos da educação.

O debate integra um conjunto de ações que devem integralizar as diferenças em uma constelação que permita o desenho de um “ambiente intelectual popular”

⁵ BAIRROS, L. **Discurso de posse na SEPPIR** [Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial]. Brasília, 2011.

⁶ No caso de São Paulo, por exemplo, os dados do 3 Boletim Epidemiológico da Secretaria Municipal de Saúde do dia 30 de abril de 2020 mostram que o risco de morte é 62% maior entre os negros do que entre os brancos.

como sugere Angela Davis⁷. Ou seja, do lugar do conhecimento na constituição de uma outra reconfiguração histórica cuja base seja a liberdade concreta, novas formas de solidariedade, de justiça e de igualdade radical.

Correspondência:

Ana Cristina Juvenal da Cruz. Doutora em Educação, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), atualmente é Vice-Diretora do Centro de Educação em Ciências Humanas (CECH). Integra o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar. São Carlos, São Paulo, Brasil. Email: anacjruz@ufscar.br

Recebido em: 18 de maio de 2020.

Aprovado em: 20 de maio de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4006/2716>

⁷ DAVIS, A. Solidariedades Transnacionais: discurso realizado na Universidade de Boğaziçi, Istambul, Turquia, 9 de janeiro de 2015. *In*: BARAT, Frank (org.). **A liberdade é uma luta constante**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 119-131.